

Vilarinho das Furnas - Março 2007



Perdida no meio da imponência da Serra do Gerês, encontra-se submersa desde a década de 70 uma das últimas aldeias comunitárias existentes em Portugal.

Perde-se no tempo a sua fundação. Segundo histórias e registos, foi iniciada no ano 75 D.C. aquando da construção das estradas da via Bracara Augusta / Asturica pelo Império Romano que, dominando já toda a região e como forma de desenvolvimento Peninsular pretendia ligar as principais cidades com a capital do Império. Um aglomerado de casas, típicas da região, com as lojas no piso térreo e a habitação no piso superior.

Nos anos 70, integrada no plano Hídrico e Energético Nacional, concluí-se a construção da barragem que hoje tem o nome da aldeia: Vilarinho das Furnas.

Nessa altura viviam na aldeia 250 pessoas que abandonaram as suas casas com a subida das águas, deixando para trás aquilo que não conseguiram transportar.

Todas ligadas á pastorícia e agricultura, tirando da terra e do gado a sua sobrevivência, vivia-se de forma dura num ambiente difícil, mas de uma simplicidade hoje dificilmente compreendida.

É no meio de toda esta beleza natural que se encontra hoje a barragem e a sua albufeira, cobrindo a água uma área de 77 Km² estando a aldeia totalmente submersa, dando-se apenas a conhecer nos anos de maior seca como foi o de 2005.

A sua história, costumes e tradições ainda hoje subsistem graças á vontade da Associação Afurna, composta por alguns antigos moradores e descendentes, que além do museu etnográfico feito com pedras das próprias casas da aldeia, persiste em divulgar e dar a conhecer aquilo que as águas e o desenvolvimento taparam.

Todo o património submerso da aldeia compõe também o primeiro museu subaquático da Europa. Foi a forma encontrada para preservação da memória colectiva de todos e de trazer Vilarinho das Furnas para o contacto com as gerações vindouras, negando a sua condição de desaparecimento.

Foi com enorme prazer e satisfação que aceitei o convite da MergulhoMania para efectuar um mergulho na barragem e tentar conhecer um pouco daquilo que foi a aldeia de Vilarinho.

Das vezes que visitei a região, sempre me deslumbrou a serra no seu conjunto. É difícil descrever o que sinto quando, vindo da cidade, se chega ao alto da serra e se deslumbra a albufeira da Caniçada, Rio Caldo e Duas Pontes...Fica-se simplesmente arrebatado por toda a beleza.

A descida da encosta e o caminho até Vilarinho é feito devagar na tentativa de aproveitar para relembrar momentos únicos que se passaram em anteriores visitas.

Cheguei cedo e integrado no resto do grupo á margem da albufeira, no sitio conhecido por Porto da Aldeia.

Tinha "ordens" expressas para "chegar e equipar rapidamente". Foi o que fiz.

Na água já se encontravam os meus dois companheiros e guias deste mergulho, o Rui Caravelas e o Delfim Trancoso.

Combinados os procedimentos e o plano de mergulho, foi começar a descer.

Na frente o Delfim, que assumiu o papel de guia, eu no meio e o Rui a fechar o grupo.

Ao fim de meia duzia de metros é obrigatório acender a lanterna. A agua torna-se escura, de tons acastanhados, mas de um silêncio e calma imensa.

Chegámos ao fundo a cerca de 23 metros e dirigimo-nos para um carvalho conservado no fundo, ainda de pé com os ramos abertos a lembrarem braços a darem-nos as boas vindas. Percebi que aquele carvalho serve de referência para o início da visita guiada, uma espécie de guardião da eternidade da aldeia.

Por incrível que pareça, apesar da "densidade" e tom da agua a visibilidade no fundo e naquele local rondava os 4 metros.

Na primeira casa encontrada, entrámos pela janela do 1º piso e saímos do lado contrário por uma abertura que me pareceu estar ali porque a parede já ruiu.

Seguiu-se várias outras em melhor ou pior estado, variando a entrada e a saída pelas portas ou pelas janelas.

Dá para ver ainda alguns fornos ou lareiras, folhas de arvores e telhas ainda intactas, coisas que o Delfim me foi mostrando e que me foram aguçando a curiosidade e interesse.

Acabámos por chegar á "rua principal" da aldeia. Chamo-lhe assim porque me pareceu mais larga que as demais. Via-se perfeitamente as lajes que cobriam o chão, as juntas do encaixe das pedras, numa largura de pouco mais de 2 metros e que sobe ligeiramente na direcção de uma das margens.

Neste local e até quase final do mergulho, a visibilidade melhorou um pouco ajudada pela profundidade menor o que permitia que sol e luz penetrem na coluna de água, fazendo o efeito de raios de luz sempre maravilhoso de observar.

Nessa rua, encontrei a maior casa que entrei, talvez o local onde se reuniam os membros da aldeia ou algum armazém. Pareceu-me também mais alta que as demais.

Encontra-se, como todas, sem telhado. O acesso para dentro das ruínas foi feito por uma abertura grande que me pareceu ser a porta do piso térreo, com um patamar do lado interior em seguimento do patamar exterior de acesso pela escada. Outra particularidade, comum a algumas outras casas, era a existência nas laterais das soleiras das janelas de uns apoios que ainda hoje se encontram em casas de aldeias serranas e cujos donos aí colocam vasos de flores.

O tempo de fundo e o ar escoavam-se rapidamente e apesar de ter passado quase uma hora de imersão, recusamo-nos a abandonar aquele local único.

Fomo-nos dirigindo para a margem, subindo lentamente com a ajuda do declive do terreno, parando para o patamar obrigatório.

Tal como alguém me disse depois em conversa, apesar da inexistência de qualquer tipo de vida, sentese a presença e a energia da vida que outrora existiu naquelas casas, ruas e caminhos.

Esquecendo o frio (água a 9°C que nos afecta principalmente as mãos e face), a ausência de vida e a visibilidade reduzida, é uma experiência marcante e gratificante que me honra muito ter conhecido.

Fica-nos um sentimento de ligação com a aldeia, com a serra e com as gentes locais.

Ficamos parte de um mundo desconhecido da maioria das pessoas, apenas por termos descido e compreendido uma verdade universal : "Só amamos o que conhecemos e só conhecemos o que vimos".

Esta história não ficaria completa sem a minha humilde homenagem a uma pessoa.

Durante o fim de semana, além do mergulho que descrevi, realizei outro objectivo : Um grande passeio a pé na serra do Gerês por montes e vales deslumbrantes e cujos nomes nunca conseguirão fazer justiça aos locais. Desde vales a perder de vista, encostas de granito maciço escarpadas e esculpidas pelo tempo, planaltos e pastos verdes alimentados por ribeiros de água cristal, até cascatas monumentais que acabam em piscinas naturais a obrigar a um mergulho refrescante. É neste cenário de liberdade e beleza absoluta que recebo a notícia de falecimento de um familiar. Parece o maior dos paradoxos.

Joaquim Chambelo que viveu maior parte da sua vida rodeado destas e de outras belezas, por outras paragens, por outras serras e planícies, orgulhava-se de nunca ter precisado de um médico na vida. Foi fiel ao seu principio até ao fim, porque realmente nunca precisou.

Uma pessoa que sempre gostou da sua forma de vida e de a viver, aos 88 anos resolveu que já era tempo de nos deixar.

A história e experiência da sua vida dava certamente para milhares de histórias, que tão bem sabia contar e cativar a quem as ouvia.

